

CURSOS PARA ADULTOS DE ESCOLARIDADE TARDIA: um caso agudo de barateamento do saber

Marta Kohl de Oliveira

O problema da transmissão do conhecimento pela escola a adultos que freqüentam os cursos do MOBRAL tem sido objeto de minhas reflexões, enquanto professora de um desses cursos. A leitura do texto de Guiomar Namó de Mello, "Ensino de 1º grau: direção ou espontaneísmo?", veio ao encontro dessas reflexões, provocando sua sistematização e aprofundamento. Embora o referido texto diga respeito ao ensino regular de 1º grau, considero que a questão discutida se aplica com muita propriedade ao ensino supletivo de 1º grau para adultos. Esse ensino é dirigido quase que exclusivamente a indivíduos das classes trabalhadoras, que não tiveram acesso à educação escolar nos seus primeiros anos de vida e para quem os cursos supletivos são a única fonte onde podem buscar essa riqueza social da sociedade letrada: o saber escolar.

Três componentes básicos do processo de transmissão de conhecimento aos alunos do MOBRAL serão brevemente discutidos: o conteúdo a ser desenvolvido em sala de aula (determinado pelo MOBRAL central e distribuído aos professores sob forma de apostilas); a abordagem predominante entre técnicos da administração do MOBRAL e professores com relação aos conteúdos e à metodologia a ser utilizada; e a situação dos alunos como receptores desse conteúdo. Pretendo apenas apontar rapidamente alguns elementos mais concretos para a reflexão sobre a questão do barateamento do saber na escola dirigida às classes subalternas¹.

O conteúdo de cada curso é dado aos professores não como um programa global a ser desenvolvido durante todo o curso, mas sob forma de apostilas mensais, nas quais as atividades de cada dia de aula são descritas minuciosamente. A lista de tópicos apresentada abaixo foi extraída das cinco apostilas que compõem o material básico para o professor da 1ª fase do curso de Educação Integrada do MOBRAL (equivalente à 2ª série do 1º grau). Como não se trata de uma análise do programa do MOBRAL em si, mas de mera exemplificação do tipo de conteúdo transmitido aos alunos, apresento apenas o conteúdo desse nível de ensino e apenas das disciplinas de Estudos Sociais e Ciências. Essas disciplinas foram escolhidas por serem aquelas cujo objeto daria oportunidade de a escola promover a aprendizagem de itens de conteúdo significativo no universo do "saber dominante". As duas outras disciplinas oferecidas nesse curso, Língua Portuguesa e Matemática, referem-se, basicamente, ao desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e cálculo, como uma extensão do curso básico de alfabetização.

¹ Os pontos aqui discutidos estão baseados numa experiência particular que pode, obviamente, não corresponder à experiência de outros monitores do MOBRAL, especialmente devido às diferenças de orientação nas várias Administrações Regionais e à heterogeneidade dos grupos de alunos existentes.

ESTUDOS SOCIAIS

- noção de bairro
- pontos cardeais
- noção de planta e mapa
- estudo sobre a cidade de São Paulo: mapa da cidade, zonas e bairros, administrações regionais e suas funções, bairros residenciais, comerciais e industriais, meios de transporte no interior da cidade, locais de saída e chegada de ônibus e trens de outras cidades, recursos para tratamento de saúde, locais para recreação e esporte.
- meios de comunicação
- documentos que um cidadão deve ter

CIÊNCIAS

- limpeza, iluminação e arejamento da casa
- aparelho respiratório
- animais úteis e nocivos
- água
- esgoto
- construção de fossa, e privada
- cuidados com o lixo
- esporte e saúde
- higiene do corpo
- doenças mais comuns
- vacinação
- saúde da mulher e do bebê

Eu diria que os únicos itens desses programas que representam um acréscimo significativo ao universo de conhecimento dos alunos são "pontos cardeais", "noção de planta e mapa" e "aparelho respiratório". Os demais itens são, basicamente, uma tentativa de sistematização do mundo cotidiano dos indivíduos. No caso do programa de Ciências, essa sistematização impõe normas de comportamento completamente desvinculadas da situação real de vida dos alunos (como aplicar os conhecimentos sobre iluminação e arejamento da casa a barracos de uma favela?) e que, muitas vezes, representa um desrespeito aos alunos como indivíduos (quem gostaria de, aos 30 anos de idade, ouvir que deve lavar os ouvidos e cortar as unhas regularmente?!). No caso do programa de Estudos Sociais, esse conteúdo talvez tivesse sentido para pré-escolares, que estão numa fase de desenvolvimento em que "partir do próximo para o distante" pode ser uma boa estratégia de ensino. Isto é, para crianças de 6 ou 7 anos talvez seja importante, para uma compreensão do mundo em que vivem, tomar consciência de que bairros onde há muitas indústrias chamam-se bairros industriais, e de que podemos escrever cartas para pessoas que moram longe, que o correio faz chegar até elas. Adultos trabalhadores que moram e trabalham na grande metrópole *já sabem* onde devem tomar o ônibus para o trabalho (e se mudarem de emprego aprenderão, muito mais eficientemente do que o professor do MOBRAL pode lhes ensinar, qual é o novo trajeto a ser percorrido) e certamente não passarão a jogar basquete ou tênis porque o professor lhes ensinou que "esporte faz bem à saúde".

Considerar que "onde fica o Jardim Zoológico" ou "como construir uma fossa" são itens de um programa escolar é enganar a clientela da escola. É oferecer uma escola falsificada que, em vez de transmitir conteúdos básicos de história, geografia e ciências que são cruciais no funcionamento da nossa sociedade e que fundamentam toda a visão de mundo que temos e valorizamos, sonega esse saber e usa o tempo (precioso) dos alunos para desenvolver tópicos "não escolares" por excelência.

As apostilas distribuídas ao professor, com o conteúdo a ser desenvolvido no curso, trazem também indicações referentes à metodologia a ser utilizada, com sugestões quanto à forma de apresentar os diversos tópicos em classe e com modelos dos exercícios a serem aplicados. A metodologia sugerida é basicamente aquela que poderíamos chamar de "tradicional" (aulas expositivas e exercícios individuais para os alunos), com algumas pinceladas de "escola ativa" nas instruções ao professor (procure "tirar do aluno" as conclusões, faça trabalhos de grupo de vez em quando, etc.).

Nas reuniões pedagógicas mensais e nas outras reuniões periódicas de professores e supervisores, existe uma preocupação permanente de questionamento e reformulação das apostilas elaboradas pelo MOBRAL central. A abordagem predominante nessas situações de questionamento tem dois componentes básicos: os princípios da escola ativa e as preocupações da pedagogia do oprimido. É através desses componentes, aparentemente renovadores e a favor dos educados, que as discussões entre professores e técnicos — e, portanto, as sugestões que os professores levam para a sala de aula justamente com suas apostilas — reforçam o caráter de "escola de segunda categoria" desses cursos supletivos para adultos.

Com relação aos princípios da escola ativa, buscam-se métodos renovados, que levem o aluno a "fazer" e não a "receber ponto" do professor. A utilização dessa metodologia renovada resulta, na prática, no uso de grande parte do tempo de aula para a organização da parafernália necessária ao desenrolar das várias atividades: trabalhos de grupo, confecção de cartazes, recorte e colagem, "joguinhos de descoberta", etc. Ora, num programa escolar para adultos trabalhadores, que chegam cansados para suas aulas noturnas e que têm apenas duas horas e meia de aula por dia, a eficiência no uso do tempo é fator crucial. Não está em questão a utilização e o interesse de cada uma dessas atividades em si. O problema está na relação entre o dispêndio de tempo, energia e material para o desenvolvimento desse tipo de atividades e o real acréscimo que elas podem trazer para a aprendizagem dos alunos. No tempo em que, por exemplo, se divide a classe em grupos, mudam-se as carteiras de lugar, distribuem-se folhas de papel com triângulos mimeografados para que cada grupo recorte e cole para *descobrir* o que é um triângulo, o professor poderia transmitir informações sobre várias figuras geométricas para a classe, resolver dúvidas e aplicar exercícios individuais de fixação. Não tenho dúvidas de que esta segunda forma de usar o tempo de aula é mais eficiente.

Além do problema da eficiência no uso do tempo, a crença na metodologia renovada leva à supressão de várias práticas da escola tradicional que supostamente deixariam os alunos numa posição de "passividade". A consequência disso é que os alunos correm o risco de sair da escola sem dominar noções básicas que fazem parte dos programas da escola primária regular e que, portanto, constituirão lacunas no seu saber escolar. Considero esta uma outra manifestação da desonestidade dessa escola barateada: tabuada, fatos históricos e categorias gramaticais são itens que, queiram ou não os educadores progressistas, fazem parte do conjunto de conhecimentos formais da nossa cultura e cabe à escola transmiti-los. Se na situação escolar o professor é o detentor desse conhecimento e os alunos não, é inevitável que estes se caracterizam como receptores do saber. Isto não significa, obviamente, que no interior de cada indivíduo o saber adquirido não seja reelaborado e integrado num sistema já existente. Isto, aliás, ocorrerá a despeito de intenções renovadoras do professor, pois a aprendizagem nunca é passiva. Considerar que atividades como cópia ou treino de tabuada são em si nocivas ao aluno é distorcer, perigosamente, o conceito de passividade.

Além dos princípios da escola ativa, os questionamentos feitos por professores e técnicos à orientação geral do MOBRAL incluem certas preocupações básicas da "pedagogia do oprimido". Essas preocupações concretizam-se em propostas de promoção de atividades escolares que levem os alunos, enquanto membros das classes populares, à real compreensão e defesa de seus próprios interesses. A relação dessas propostas com o problema do barateamento do saber se dá pelo fato de que elas incluem um constante julgamento da validade dos conteúdos escolares baseado no significado que eles teriam na vida dos alunos e no papel que teriam no processo de sua "luta". O problema é que esse julgamento de prioridades é feito por indivíduos que passaram por um processo de escolaridade regular e que se julgam no direito de decidir que essa escolaridade é inútil às classes trabalhadoras. Assim, discutir os problemas do bairro passa a ser mais importante que ensinar geografia; ensinar história do Brasil passa a significar ensinar a história das classes dominantes, e isso é definido como nocivo às classes subalternas; ensinar o Hino Nacional passa a significar um perigoso pacto com o regime político atual. Desse modo, essa escola que quer ser comprometida com a cultura dos dominados lhes sonega o direito ao saber escolar, que é aquele que os educadores têm e valorizam

(e que os legitima na posição de educadores), e cuja fonte básica é a escola.

A maioria dos alunos do MOBRAL com os quais tive contato é constituída de migrantes recentes da zona rural nordestina. Com relação à organização do seu conhecimento, ao partir da posse da informação necessária à sua vida cotidiana no meio rural para o domínio da informação necessária e/ou valorizada na grande metrópole, esses indivíduos parecem ter perdido alguns elos de ligação básicos. Seu universo de conhecimento é fragmentário, formado por peças avulsas não integradas entre si. Essa situação parece resultar do impacto do sistema de informação da grande cidade (onde a televisão exerce papel fundamental) sobre o conjunto de conhecimentos anteriormente dominados.

Esses indivíduos passaram a dominar informações "universalizadas" pela cultura urbana de massas, mas, na rapidez do processo, restaram lacunas que desestruturaram o conjunto de seu saber. Eles sabem, por exemplo, que as imagens de uma partida internacional de futebol vêm "via satélite" para seu aparelho de televisão, mas não sabem que a terra é redonda e que gira em torno do sol. São capazes de cantar músicas americanas, repetindo sua letra em inglês, mas pensam que há apenas duas línguas no mundo: português e "estrangeiro". Ao falar sobre a divisão do tempo em anos e séculos, um aluno disse que estamos no "ano 15" — referia-se ao 150º aniversário da TV Globo. Esses exemplos mostram a diferença entre a estrutura do saber desses indivíduos e a daqueles que passaram por um processo gradativo de socialização dentro do universo de conhecimentos da nossa cultura letrada e urbana.

O papel da escola nesse processo é inegável — ela é a agência encarregada de transmitir, de forma gradativa e organizada, o conhecimento acumulado pela sociedade. E foi por essa escola que passaram os educadores que agora tratam de oferecer um ensino "especial" àqueles que buscam a escola tardiamente.

Estes alunos, que procuram o ensino supletivo, justamente porque foram privados do ensino regular, estão interessados em se apropriar exatamente daquele saber que cabe à escola transmitir.

Em contraposição à escola falsificada oferecida pelo MOBRAL e à escola aparentemente renovadora e libertadora implícita nas críticas dos educadores que trabalham direta ou indiretamente com os alunos, está a escola almejada pelos alunos que buscam esses cursos. *Os alunos querem a escola que não tiveram*: com um professor que saiba e ensine os conteúdos escolares, com quadro-negro e carteiras organizadas, com cadernos, livros, lápis de cor e mapas, com disciplina, trabalho duro e provas no fim do mês.